

A ABORDAGEM TRANSVERSAL E INTERDISCIPLINAR NO ENSINO DA HISTÓRIA E DA GEOGRAFIA: NAS PRIMEIRAS SÉRIES DO ENSINO FUNDAMENTAL

MARIA IVÂNIA BRITO MILFONT
UECE. E-mail: ivanya_kitty@hotmail.com

Introdução

O presente artigo tem como objeto discutir teoricamente a abordagem transversal e interdisciplinar no ensino da história e da geografia nos primeiros anos do ensino fundamental. Tendo como fim, colaborar para a prática pedagógica de professores do 1º ao 5º anos, mostrando-os a possibilidade de articulação entre disciplinas, e o uso de materiais como meio para práticas que coloquem as suas teorias em ação.

Sendo assim, a principal contribuição para o nível fundamental de ensino é a superação de uma abordagem tradicional, por vezes já ultrapassada, substituindo-a por abordagens atuais e dinâmicas, esta última característica já se tornou obrigatória nos dias de hoje, visto que tudo se modifica em grande velocidade.

Na medida em que o professor utilizar em sua didática os aconselhamentos dados, como a articulação de disciplinas, o uso de materiais diversificados, a utilização de mídias – fotos, vídeos, jornais, etc. – e a conciliação da teoria com a prática, possibilita que o aluno participe e faça as suas assimilações de conhecimentos mais ativamente.

De acordo com a autora Charmeux (2000), a criança assimila o que já aprendeu ou viveu com o que está aprendendo, construindo esquemas a partir desse confronto, por isso é necessário que o professor (a) possibilite essa ação de assimilação do conteúdo para além do livro didático, com práticas reais em sala de aula.

É fundamental que o professor, em seu ofício, repense a sua prática, adequando-se as necessidades apresentadas por seus alu-

nos, e é por esse motivo que a transdisciplinaridade e interdisciplinaridade merecem atenção, pois oportunizam o professor desenvolver reflexões sobre suas práticas, apoiando o fazer pedagógico em outras disciplinas, propiciando um maior respaldo para as suas aulas e dinâmicas de ensino.

Mas, afinal, o que realmente há de ajuda para os alunos? Ou melhor, qual a contribuição da interdisciplinaridade e da transversalidade no processo de ensino-aprendizagem da história e da geografia do 1º ao 5º ano?

Com esse artigo pretendemos propor algumas situações pedagógicas para o ensino dessas duas disciplinas, história e geografia, nos primeiros anos do ensino fundamental, adotando como foco a abordagem interdisciplinar e transversal. Como objetivos específicos, pretendemos: realizar uma breve abordagem histórico-conceitual sobre o ensino da história e da geografia; conceituar brevemente o que trata as abordagens – interdisciplinar e transversal; e propor algumas alternativas didáticas para o estudo dessas disciplinas nas séries em foco utilizando essas duas abordagens.

Se apoiando no campo das teorias críticas, esse artigo utilizou levantamentos bibliográficos feitos através de obras publicadas na internet, e em textos utilizados ao longo da disciplina “História e Geografia na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental I”, ofertada no Curso de Pedagogia vinculado à Universidade Estadual do Ceará – UECE. Observou-se que, segundo essas teorias, há sempre algo para se fazer, pois o mundo está sempre em construção, ele é em si uma obra inacabada, conforme condiz à teoria crítica que prega a junção da teoria com a prática.

Contudo, vale lembrar, que este artigo é voltado para práticas de ensino em sala de aula, destinando-se assim para o público de docentes nessa área, a fim de ajudá-los em sua prática diária. No entanto, não fica restrito a estudiosos interessados na área, ou a alunos em suas pesquisas. Esta análise se divide em esclarecimento de conceitos e propostas para o ensino da história e da geografia.

História e Geografia: uma Abordagem Histórica Conceitual

Para que possamos compreender um pouco mais de como uma abordagem diferenciada, com mais recursos didáticos, pode contribuir para o processo de ensino aprendizagem do aluno nas disciplinas de história e geografia, devemos primeiramente nos voltar para os conceitos de história e geografia segundo alguns autores.

A palavra história nos remete a diversos significados e é classificada como polissêmica, tendo diversos contextos que pode vir a ser usada. Do ponto de vista do autor Cardoso “a História é a ciência das transformações das sociedades humanas no tempo” (CARDOSO, 1982, p. 104). Apesar de o autor mencionar sociedades, sabe-se que foi muito mais trabalhado no ensino da história em livros didáticos e textos acadêmicos homens considerados heróis de determinadas épocas, tendo estes, atuados em grandes conquistas e/ou acontecimentos político-militares.

Existem diferentes tipos de abordagens da história, dentre elas estão a História positivista e a História dos Annales as quais se encontram, segundo alguns autores, classificadas como participantes da teoria crítica. Explicitarei, aqui, para que haja uma compreensão da sua visão, e da sua importância para esse artigo.

A primeira traz uma inovação para as outras abordagens que é o compromisso e a “preocupação com a verdade, com o método, com a análise de causas e consequências, tempo e espaço”, nos revelando um caminho linear de concepções. E mais a frente, resultando da problematização desta, surge a História dos Annales a qual irá romper com a concepção da qual falamos anteriormente, do culto aos heróis, trazendo a afirmação do cotidiano da sociedade e do povo como fator primordial da construção da história. Como vemos, na abordagem mais contemporânea não cabe mais centrar o foco apenas nas ideologias dominantes, ou seja, elas vão além do que está exposto claramente, buscando elementos que justifiquem

transformações obtidas pela humanidade, levando o aluno a conscientizar-se de que ele também faz parte da história.

O conceito de geografia, de modo crítico, compreende que essa ciência estuda as relações homem-natureza considerando as relações sociais, políticas e econômicas desenvolvidas pelas sociedades em determinado tempo e espaço, sob uma visão crítica que vai além da simples descrição do espaço geográfico, investigando as relações que ali existiram que vai desde as relações de poder até transformações ocorridas no solo com o tempo. Neste exemplo, já podemos notar a interdisciplinaridade existentes entre história e geografia, pois uma complementa a outra na busca pela compreensão dos fenômenos humanos sobre o espaço.

Assim como a história, a geografia também possui seu conjunto de abordagens que constituíram seu estudo e proporcionaram transformações em seus conhecimentos, aqui nos deteremos em uma abordagem que é bem específica: a Geografia Crítica.

Essa abordagem preza por relações dialéticas entre o espaço e o processo histórico, o qual modela os grupos sociais, perpassando por ideias do materialismo histórico e da dialética marxista (CORRÊA, 1991, p. 19).

Historicamente falando, as concepções de história e de geografia, sofreram as suas respectivas mudanças e foram de certo significativas, pois trouxeram para o nosso cotidiano novos paradigmas, novos modelos de abordagem, que eram precisos, como por exemplo: antes só existia uma visão da história que era a tradicional, a qual precisou ser rompida, pois não eram só heróis ou dominantes que faziam história e deviam ser mencionados, mas também aqueles que eram oprimidos e o restante da sociedade que permitia que isso acontecesse. Um tempo depois se descobriu, através de estudos, a importância de mencionar os sujeitos comuns, de combater certas contradições, e, a partir desse momento, formar uma concepção crítica.

Dada uma nova forma de conceituação, de criticidade, surgem também novas didáticas que irão gerar novos ensinamentos,

novos métodos. Tais métodos irão tratar o tema a partir de seu ambiente, do conhecimento de mundo do aluno. Tais tratamentos trazem consigo uma ideologia de sociedade, de engajamento de todos os participantes destas. E por que não ampliar essa percepção para todas as disciplinas como propõe a transdisciplinaridade? Trazendo uma nova proposta de didática para o professor, o qual irá se utilizar de novos temas e meios para as suas aulas incluindo novos atores sociais.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), na medida do possível deve haver a substituição das práticas existentes nas escolas pela perspectiva interdisciplinar e transdisciplinar, visto que estas últimas apresentam-se mais completas, pois são marcadas por aspectos não fragmentados. É claro que devem ser adotadas nas escolas metodologias de trabalho que facilitem as vidas de professores e alunos, e a transversalidade promovem essa conquista, tanto pelo educador quanto pelo educando. Além da superação de práticas consideradas ultrapassadas, como a tradicional, que visam apenas o depósito de saber nos alunos, não dando a estes a oportunidade de debater, de praticar, ou até mesmo de imaginar.

Sendo assim, quando tal método se apresenta na forma de incapacitar o aluno de seus próprios questionamentos, percebe-se que é necessário superá-los por outros que possibilitem o aluno e o professor de expressar suas reflexões e questionamentos. Tendo como foco a superação da prática tradicional por uma prática crítica dentro de sala de aula, esse artigo propõe atividades que conduzam ao aluno essa liberdade de aprender com autonomia.

O Que é Interdisciplinaridade e a Transdisciplinaridade?

Essas duas abordagens são formas de articular disciplinas, e se opõem ao modo de pensamento de que uma só disciplina basta para explicar um conteúdo. Com isso, ambas pretendem conciliar

pontos de vista em um só conteúdo, para que o aluno tenha uma maior compreensão. Segundo o autor Carlos:

Quando falamos em interdisciplinaridade, estamos de algum modo nos referindo a uma espécie de interação entre as disciplinas ou áreas do saber. Todavia, essa interação pode acontecer em níveis de complexidade diferentes. E é justamente para distinguir tais níveis que termos como multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade foram criados. (CARLOS, [s. d.], p. 1)

De acordo com o que constatamos no capítulo anterior, os PCN já consideram os termos multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade ultrapassados e fragmentados, portanto, iremos nos voltar para os termos que nos interessam que são interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Os autores Kleiman e Moraes nos resumem a concepção existente nos PCN:

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a interdisciplinaridade e a transversalidade se fundamentam na crítica de uma concepção que toma a realidade como um conjunto de dados estáveis, sujeitos a um ato de conhecer isento e distanciado. Diferem uma da outra no sentido que a interdisciplinaridade refere-se a uma abordagem epistemológica dos objetos de conhecimento questionando a segmentação entre os diferentes campos do saber produzida por uma visão compartimentada (disciplinar), que apenas informa sobre a realidade sobre a qual a escola, tal como é conhecida, historicamente se constituiu. Já a transversalidade refere-se a uma abordagem pedagógica que possibilite ao aluno uma visão ampla e consciente da realidade brasileira e sua inserção no mundo, bem como sua participação social. (KLEIMAN, MORAES, 1999, p. 22)

Então podemos concluir que a interdisciplinaridade é apenas a informação compartilhada nas diversas disciplinas de um só tema e a transdisciplinaridade vai muito além disso fazendo nexos

de todas as disciplinas e todos os temas. Esta última pode ser utilizada para a promoção de uma conscientização de alunos e educandos, mostrando-os que a vida é feita de conexões.

A Interdisciplinaridade e a Transversalidade no Ensino da História e da Geografia: Situações Pedagógicas

O nosso tema propõe o trabalho com as diferentes dimensões de um só assunto. As séries que foram escolhidas para a elaboração desse tema, é segundo uma leitura piagetiana, as que desenvolvem as relações projetivas, ou seja, as relações com o espaço representativo, o qual a criança pode ou não estar inserida concretamente. As situações e atividades devem estar voltadas para ajudá-las a desenvolver a sua percepção de espaço com noções como direita e esquerda, na frente e atrás.

Na idade de 7 e 8 anos, a criança começa a aprender essas noções citadas, porém, como todo o início de aprendizado vai demorar um pouco para que ela faça algumas correspondências, por exemplo, nessa idade a noção de direita/esquerda são consideradas apenas do ponto de vista do observador, sendo somente no próximo período, de 9 à 12, que ela irá desenvolver essa noção tanto do ponto de vista do observador quanto do outro, a quem esta observa.

Portanto, as atividades que sugerimos são as que utilizam noções de localização, lateralidade, alternância, ordenança e reversibilidade, as quais devemos explorar também dentro do cotidiano escolar. Serão propostas as seguintes atividades:

1. Nessa atividade o professor precisará de um ponto referencial, para que o aluno utilize-o no decorrer da dinâmica, este ponto pode se situar na própria sala ou fora dela, cabe aqui o professor decidir. O professor fará perguntas ao aluno referente à localização do ponto, se está ao lado da cadeira ou da lousa, se situa à direita ou a esquerda da porta, levando o aluno a ques-

tionamentos e ao mesmo tempo desenvolvendo a noção espacial deste. Essa atividade pode ser utilizada com os maiores fazendo possíveis adequações, como a utilização de um mapa, onde caberá o professor a marcar os pontos e fazer as perguntas, como por exemplo: Portugal se localiza acima ou abaixo do Brasil? E o continente africano, de onde vinham os escravos para cá, ao lado direito ou esquerdo do Brasil?

2. Outra proposta de atividade seria a ordenança dos fatos, onde pegaremos o mesmo material: um mapa, e marcaremos o caminho traçado pelos colonizadores para que aqui chegassem. O professor atuará perguntando ao aluno: De onde partiu a caravela? Em que países passaram? Se por acaso essa caravela não tivesse passado por tal país, quais seriam os outros pelos quais ela passaria? E assim, o professor faria a alternância também dos fatos, dos países;
3. Os fatos históricos podem ser trabalhados com a reversibilidade, quando o professor pergunta ao seu aluno o porquê das guerras, que fatores contribuíram para que elas acontecessem, ou também os tratados tratando do por quê foram assinados. Tal atividade promove o diálogo com o aluno e a criatividade, e, além disso, permite ao professor observar se aquele aluno está realmente aprendendo o conteúdo, ou também se o estudou em casa;
4. Em muitos conteúdos é necessário que haja um maior empenho por parte do professor, empenho este, que considera-se a busca de materiais que complementem as suas aulas ou a busca de resposta em outras disciplinas. Esse envolvimento pode e deve ser mostrado ao aluno como parte, sim, dos conteúdos. É viável que o professor traga para a sala de aula um vídeo retratando a história antiga, a leitura é necessária, porém, não se diz em parte alguma que deve ocorrer todos os dias de aula. Então, sugerimos que além de vídeos o professor se utilize do teatro ou da contação de história para mostrar a criança os acontecimentos na sua essência, na sua simplicidade, dando a oportu-

nidade de vivenciá-los e não dificultando a compreensão por parte desta, visto que na maioria das vezes o aluno sai de sala sem aprender nada, sem assimilar nenhum conhecimento por esse não condizer com a sua realidade;

5. O surgimento do mundo e das rochas nele existentes pode ser trabalhado em um diálogo, mas também através de uma apresentação em um vídeo de como tudo começou, ou em uma maquete de placas tectônicas simulando o afastamento das placas e a colisão entre essas, estes exemplos podem ser produzidos por professor e alunos em conjunto, no laboratório de informática ou em uma oficina de artes, respectivamente. Tudo isso proporciona um aprendizado enorme para o aluno e para o professor, este último irá utilizar maneiras de abordagens para trabalhar determinado conteúdo, vivenciando experiências, ele saberá o que funciona realmente ou não durante uma abordagem, contribuindo assim para a sua didática;
6. Outra proposta para as séries iniciais do ensino fundamental é partir da concepção do mundo da criança, muitas vezes colocada como: O meu mundo. É uma boa partida, porém, devem ser expostos nela assuntos transversais, os quais conduzam a outros, como por exemplo, o professor deve perguntar: a sua cidade como é? E a partir daí, mostrar as outras existentes fazendo uma ligação de histórias semelhantes como a colonização pelos mesmos colonizadores, o que elas têm de parecidas, se falam a mesma língua, se jogam os mesmos jogos, e assim por diante. Essa atividade é bastante instigante para a criança, partindo do fato que ela se encontra em uma fase muito curiosa do mundo que envolve;
7. Ainda nos anos iniciais, temos a modificação que o homem provoca no meio ambiente, que pode ser levada a todas as séries, os pequenos se interessam por algo que eles próprios possam fazer e manter. Sugerimos que, venhamos a ensinar o plantio de uma semente ou uma árvore, não só em ciências mas aqui tam-

bém, levando a criança as causas do desmatamento e as consequências para o meio ambiente e para a história do homem.

Algo interessante a se notar, é como uma disciplina irá ajudar a outra, ou como materiais também auxiliam na hora de uma explicação. Em vários exemplos dados acima, temos a transdisciplinaridade obtida quando um conhecimento auxilia o outro: a área de informática se torna útil para a produção de um vídeo por professores e alunos, vídeo que irá representar a origem do mundo, e ainda no mesmo exemplo, quando a arte irá influenciar a construção de uma maquete.

Notamos, o quanto é importante ter várias disciplinas para auxiliar na explicação de um conteúdo, o qual fica cada vez mais viável na percepção da criança quando proporcionamos momentos de fácil assimilação por esta.

Considerações Finais

A contribuição das duas abordagens, interdisciplinar e transdisciplinar, estão voltadas para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem do aluno, que, na idade de 6 a 12 anos, está voltada para as relações projetivas, segundo Piaget. Tais relações foram focalizadas nas disciplinas História e Geografia, ressaltando estratégias metodológicas de atividades para apreensão de conceitos específicos pertinentes para compreensão histórica e geográfica crítica.

Para que o aluno tenha a oportunidade de se desenvolver, é necessário que o professor se utilize de maneira correta e clara dos benefícios que ambas as abordagens oferecem, sabendo coordenar a interrelação de disciplinas, não exagerando na valorização de uma e esquecendo-se das outras. Pelo contrário, o professor deve mostrar para o aluno o poder da junção das disciplinas, e que essa transversalidade existe também na vida real, a qual é permeada de temas transversais.

Referências Bibliográficas

CARDOSO, C. F. *Uma introdução à história*. 2ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

CHARMEUX, E. *Aprender a ler: Vencendo o fracasso*. São Paulo: Cortez, 2000.

CORRÊA, R. L. *Região e Organização Espacial*. São Paulo: Ática, 1991.

KLEIMAN, A. B.; e MORAES, S. E. *Leitura e interdisciplinaridade*. Tecendo redes nos projetos da escola. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

RIBEIRO, L. T. F. *Ensino de história e de geografia*. Fortaleza: Brasil Tropical, 2001.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Geografia>. Disponível em 08/02/2011.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria>. Disponível em 08/02/2011.

http://www.suapesquisa.com/historia/conceito_historia.htm. Disponível em 08/02/2011.

<http://www.slideshare.net/silsiane/multidisciplinariedade-interdisciplinaridade-e-transdisciplinaridade-presentation>. Disponível em 08/02/2011.

http://vsites.unb.br/ppgec/dissertacoes/proposicoes/proposicao_jairocarlos.pdf. Disponível em 08/02/2011.